

A Compreensão, a Explicação e a Comunicação: Uma Breve Explicação Sobre Por Que Não Gostamos Tanto de Explicação¹

Dimas A. KÜNSCH²

Renata CARRARO³

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP
Escola Superior de Propaganda e Marketing e Faculdades Integradas Rio Branco, São Paulo, SP

RESUMO

No estilo de uma conversa, sem a pretensão de se chegar a conclusões finais, o texto se ocupa com temas, questões e miradas teóricas e epistemológicas de interesse dos integrantes do grupo de pesquisa Da Compreensão como Método. Os princípios epistemológicos da incerteza e da complementaridade dos opostos comparecem, junto com outras temáticas, como convite para essa conversa ideal e para uma troca compreensiva de ideias, mais do que como afirmação de uma ou de várias verdades. Um pensamento em movimento, a compreensão levanta a pergunta sobre os impactos de todo conhecimento na vida social e política (epistemologia pragmática). O ensaio prefere o talvez ao portanto, as vírgulas aos pontos finais, o “parece que” ao “é assim”. Não trabalha com a noção de evidências, mas de pertinência. Critica o que chama de Signo da Explicação, mas explica, sem pudor, onde acha necessário para os objetivos da compreensão.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Teoria. Explicação. Compreensão.

O livro de Juremir Machado (2010) tem por título *O que pesquisar quer dizer e*, por subtítulo, *Como pesquisar e escrever textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes*. Deveria ter se chamado *Manual de antimetodologia*, mas o autor mudou de ideia, provavelmente, em algum momento das conversas com o editor. Ficou, no entanto, a referência forte a um outro livro, de espírito semelhante, esse mais antigo e famoso, lançado em 1975 nos Estados Unidos, *Contra o método*, de Paul Feyerabend (2011).

Juremir Machado mudou o título original porque temia que os leitores pudessem ser induzidos a pensar que o problema era atacar o método, pura e simplesmente, como

¹ Trabalho apresentado ao GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do Programa de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: dimas.kunsch@metodista.br.

³ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e das Faculdades Integradas Rio Branco (FRB) de São Paulo. E-mail: recarraro69@gmail.com.

se pesquisa sem método pudesse em algum lugar do mundo existir. Não era, no entanto, um manual de antimetodologia propriamente dito.

Juremir Machado dá nesse contexto as cartas de sua identidade intelectual ao tecer a crítica contra o que ele chama de positivismo metodológico. Está propondo “um esboço de metodologia aberta para o campo da comunicação” (MACHADO, 2010, p. 13),⁴ apoiando-se em Heidegger, Morin, Derrida, Lyotard, Maffesoli, Baudrillard, Kuhn e Feyerabend. O pesquisador gaúcho traz o filósofo da ciência austríaco em epígrafe, num trecho da obra de Feyerabend antes citada (apud MACHADO, 2010, p. 5) em que este diz que “a ciência é um empreendimento essencialmente anárquico” e que “o único princípio que não inibe o progresso é: tudo vale”.

Como assim, tudo vale? – podemos perguntar. Feyerabend sabe que, expressando a coisa desse modo, está exagerando. Mais: seu pensamento induz irremediavelmente ao engano. Inclusive porque, se tudo de verdade valesse nesse como em outros campos da pesquisa científica, deveria também por justiça valer e, mais, representar um verdadeiro sinal de progresso do conhecimento – na linha do que Feyerabend propõe –, o próprio positivismo que Feyerabend e seu discípulo brasileiro pretendem combater.

Parece se adequar a este caso o que uma antiga sabedoria ensina: que os extremos se tocam. Digamos, para simplificar, que o tipo de postura intelectual que os dois autores evocam, tanto quanto a postura intelectual que se lhe opõe, padecem ambos do mal da incompreensão: uma não conversa com a outra. Preferem reproduzir, ainda que com sinal invertido, o mesmo dualismo e a mesma fúria explicativa que os excessos do campo adversário costumam, não importa muito o lado, cometer.

“A ciência tem hipervalorizado a explicação”, reclama, no entanto, Juremir Machado (2010, p. 48), pleiteando a recuperação do “espaço da compreensão” e vendo na compreensão “o grande desafio atual” da pesquisa em comunicação. Apoiando-se em Morin, que nos apresenta um quadrinho explicativo – Juremir Machado (2010, p. 48) conta que Baudrillard ironizava a propensão do teórico da complexidade por quadrinhos explicativos –, e esse quadrinho (MACHADO, 2010, p. 49) nos apresenta aquelas que seriam as características do procedimento compreensivo (concreto, analógico, apropriações globais, predominância da conjunção, projeções/identificação, implicação

⁴ Publicado em 2010, o pequeno “Manual de antimetodologia”, como a ele se refere o próprio autor, teve sua quarta edição lançada em 2019, trazendo um capítulo adicional sobre “Análise discursiva de imaginários”. O subtítulo também mudou no percurso, sendo agora “Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes”. Informação disponível em: <<https://www.editorasulina.com.br/detalhes.php?id=496>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

do sujeito, pleno emprego da subjetividade), de um lado, confrontadas com os procedimentos da explicação, de outro (abstrato, lógico, apropriações analíticas, predominância da disjunção, demonstrações, objetividade, dessubjetivação).

Temos aqui mais um exemplo – bastante claro, nos parece – de um pensamento construído sobre bases dualistas, reforçando o domínio da explicação que tanto Morin quanto Juremir Machado entendem dever criticar, pelo fato de a explicação assumir segundo ambos um lugar de excessivo destaque no campo das ciências humanas e sociais. Ora, idealmente falando, a explicação, diferentemente da compreensão, trabalha com a ideia de clareza, de certeza. Uma clareza que o quadrinho explicativo promete, mas não consegue oferecer, e por isso mais atrapalha que ajuda a compreender as diferenças e os pontos de convergência entre compreensão e explicação.

Ver “pleno emprego da subjetividade” na coluna da compreensão e “dessubjetivação” na da explicação, de fato, não ajuda em nada. Sobretudo porque o enunciado acaba por mentir sobre a realidade. Porque uma explicação que não explica e, pior, que complica, distorce e mutila o real, só pode receber o nome de ilusão. Em nome de que normatividade teríamos o direito de imaginar uma explicação sem sujeito ou uma compreensão sem objetividade? Só um Frankenstein epistemológico pode nos levar a tamanho desconcerto, ainda que produzido sob o acalento dos mais elevados pensamentos sobre o uso livre e aberto do método – como quer Juremir Machado – ou sob o guarda-chuva da teoria da complexidade, como pretende fazê-lo Morin.

“Vocês não entenderam nada”, dirão os críticos e defensores do quadrinho explicativo, sem se dar provavelmente conta de como estão sendo vítimas de um modelo tradicional de pensamento, contra o qual justa e/ou injustamente almejam se debelar. “Se trata apenas de um auxílio à compreensão do assunto”, dirão.

Pode ser. Mas aí temos um problema, a partir daquilo que imaginamos que se possa entender por compreensão, a partir do termo original latino *comprehendere*, em seus sentidos cognitivos, teóricos, epistemológicos e éticos: um pensamento compreensivo integra, junta, abraça (sentidos, teorias, métodos...). E então, mesmo admitindo o valor, digamos, prático do quadrinho, nada nos impede dizer que temos nele um exemplo bem gritante de coisas que, fundadas no dualismo, no racionalismo e no objetivismo, estão mais dispostas a brigar entre si do que a se entenderem numa conversa decente. O pensamento não se divide entre explicação e compreensão. Dual, todo pensamento pode integrar compreensão e explicação, na medida de suas necessidades.

A compreensão de que temos vindo falando nos últimos vinte e poucos anos – cujo espaço julgamos que deva mesmo ser recuperado, como cobra Juremir Machado – é o tema nosso aqui neste texto, que preferimos chamar de ensaio. Vale lembrar que no mesmo livro em que reivindica o resgate do lugar da compreensão na produção de ciência, Juremir Machado condena o que classifica como “caça ao ensaio” na área da comunicação, em função da crença de que “ensaio não é pesquisa”. Paradoxalmente, ainda segundo o autor, uma parte expressiva das referências teóricas que legitimam as pesquisas que fazemos nos chegam de “ensaios de grandes intelectuais estrangeiros” (MACHADO, 2010, p. 80). Nessa linha de raciocínio, poderíamos investigar como o que estamos chamando neste texto de furor explicativo casa bem com o verdadeiro ódio contra o ensaio, para além das justas críticas que podem ser feitas aos modos como se utilizam quaisquer gêneros de expressão do pensamento pela linguagem.

Não é a birra contra o artigo científico que nos motiva a imaginar um resgate possível da dignidade e nobreza do ensaio nos planos cognitivo e da expressão do pensamento, embora birra possa existir, sem maiores problemas, contra o artigo e também contra o ensaio, por diferentes razões, certas e erradas, mais ou menos certas e mais ou menos erradas... Um *mea culpa* costuma não fazer mal a ninguém, também na academia. Mas, compreensivamente, nós imaginamos, não se aconselha colocar a questão do artigo/ensaio em termos dicotômicos, nem muito menos deixar o amor por um gênero, às vezes no calor e no ímpeto guerreiro das Cruzadas, nos fazer endeusá-lo no instante e na medida com que se demoniza um outro gênero. Ora, a crença não é boa conselheira nesse campo de tomada de decisões. Nem o ódio.

Preferimos imaginar que o preconceito contra o ensaio possa ter mais a ver com uma concepção reduzida de ciência e de método – fundada, talvez, na ideia ontológica de certeza e de verdade, o que não passa no fundo de pura crença –, mais do que numa formação discursiva apta a conversar sobre o lugar e as honras devidas tanto ao artigo científico quanto ao ensaio. Nas esquinas do mundo, lá onde as práticas científicas se tornam ações de um *Lebenswelt* complexo, é lícito supor que há mais diálogos sendo feitos entre artigo e ensaio do que supõe nossa vã epistemologia!⁵

⁵ Sobre o ensaio escrevemos para este mesmo GT de Teorias da Comunicação, durante o XXXIV Congresso da Intercom (Recife, PE, 2 a 6 de setembro de 2011) o texto “A comunicação sob o signo da compreensão: o protesto do ensaio contra a chatice e a arrogância do discurso científico dominante” (KÜNSCH; CARRARO, 2011). Apoiá-vamos fortemente em “O ensaio como forma”, de Theodor Adorno (1986), para criticar, na esteira de seu pensamento entre engajado e raivoso, um verdadeiro ódio contra o ensaio na academia, que reduziu com frequência uma das mais tradicionais e respeitadas formas de expressão do pensamento científico à triste sina do que o termo “ensaísmo”

De que compreensão estamos falando, nos perguntamos na parte que vem a seguir. Trazemos depois algo a que gostaríamos de chamar de “a farra da explicação” – e pedimos que nos perdoem pela ironia às vezes incontida que aparece já no título deste trabalho, seguindo de algum modo a máxima de que *ridendo castigat mores*. Trata-se de um exemplo de como, a nosso juízo, a comunicação sai perdendo ao não assumir com vigor um pensamento compreensivo, que dialoga sem peso de consciência com a incerteza e a complementaridade dos opostos de toda ação e de toda linguagem humana.

Já vamos depois disso encerrando, não o assunto, mas este ensaio, porque o espaço para a conversa é aquele que é. Visitando muito rapidamente Nicolau de Cusa e a douta ignorância, costuramos, sem fechar, algumas das intuições deste ensaio ao redor dos princípios da incerteza e da complementaridade dos opostos, que conversam, com a promessa de bons resultados, com a ideia de compreensão.

Quem chegou até aqui com a leitura irá perceber que este ensaio não pretende negar, em nenhum momento e por qualquer razão, a força semântica do verbo “ensaiar”, mas afirmá-la em sua plenitude. É assim mesmo que este texto deve ser compreendido: como um ensaio, com seus erros e com seus acertos, tendo em conta a nossa trágica-cômica humana situação. O caráter conversacional do ensaio, tão bem colocado por Michel de Montaigne nos textos dele que receberam no século XVI este nome (MONTAIGNE, 2010), desaconselha a fechar uma conversa com a ideia de “conclusões”, ou de pontos finais, como costumamos dizer em nossos textos, preferindo, na construção do nosso discurso, as vírgulas, as reticências, os ponto-e-vírgulas, muitas interrogações e até interjeições, por que não?

* * *

De que compreensão se está falando? O ponto de vista de Juremir Machado é claro e transparente: ele se posiciona de dentro da ciência, dessa mesma ciência que em alguns de seus aspectos ele critica. “A ciência tem hipervalorizado a explicação. Precisa

negativamente evoca. De lá para cá, temos ampliado a envergadura de nossas buscas teóricas, compreendendo outros autores na conversa. Os 379 ensaios publicados em dez anos da revista *Serrote: uma revista de ensaios, artes visuais, ideias e literatura*, comemorados em 2018, servem de inspiração. O livro *Doze ensaios sobre o ensaio: antologia serrote* (PIRES, 2018) traz alguns dos mais importantes ensaios sobre o ensaio. E nos autoriza a observar a lenta marcha do ensaio para deslegitimar a pecha de “ensaísmo”, fazer descer o artigo científico do altar da arrogância e da ditadura quantitativista na área científica onde talvez nunca quisesse ter sido colocado, valorizar a reflexão e o pensamento crítico e propor uma visão compreensiva do conhecimento.

recuperar o espaço da compreensão”, ele diz, em texto que já citamos (MACHADO, 2010, p. 48). Recorre a Morin, quando este trata do método da complexidade na obra que Juremir Machado cita, distinguindo entre compreensão e explicação.

Não temos condições de tentar recuperar neste ensaio – e talvez, para sermos bem honestos, nem sejamos capazes de fazê-lo, tendo para tanto que recorrer ao auxílio solidário de outros pesquisadores – uma rica tradição de pensamento que nos vem do século XIX, da Alemanha, e que, a partir principalmente de Wilhelm Dilthey (1833-1911), passa a defender a legitimidade, no campo científico, tanto do *Erklären* (explicar, em alemão) quanto do *Verstehen* (compreender), reivindicando o método da compreensão para as *Geisteswissenschaften* (Ciências do Espírito). No mundo da Sociologia, teremos de ir buscar principalmente em Max Weber, um dos pais-fundadores dessa ciência, uma proposta, para a sua época, de solução para a questão. O ponto de vista compreensivo é, para Weber, elemento integrante da Sociologia que ele produz.

Essa tradição de pensamento se encontra na base de grande parte dos discursos antigos e atuais sobre a compreensão e a explicação. Ela jamais morreu no campo das ciências humanas e sociais, foi encontrando distintas soluções pelo caminho, e retorna em diferentes momentos na obra de autores contemporâneos, como Bourdieu, Maffesoli e do próprio Morin, em forma de busca de uma solução atual para o problema (Bourdieu), ou da proposta explícita de uma sociologia compreensiva, como nos casos de Maffesoli e Morin. Esse esforço, talvez, numa justificativa para a própria ideia de campo (Bourdieu) como um espaço de conflitos e disputas, revela posições também distintas em relação à própria ideia de compreensão frente à explicação, deixando sobrar pouco ou muito espaço, dependendo dos interlocutores, para a compreensão da própria explicação, ou vice-versa.

Buscar a compreensão no campo sempre em ação (LATOUR, 2011) da ciência moderna, como sugere Juremir Machado (2010, p. 48), não pode fazer mal a ninguém, tanto sob o ponto de vista do método quanto de uma epistemologia da própria ciência. Se prestarmos bem atenção, observaremos que a experiência e os estudos mostram que, para além dos jogos da ideologia e do poder e das vicissitudes de nossas sempiternas arrogâncias, existe um vasto universo de conversas e negociações possíveis entre distintos interesses e posições acadêmicas; entre teorias que podem buscar pontos de confluência mesmo lá onde parecem absolutamente distintas e contraditórias entre si, e em o fazendo prestam um tributo a princípios compreensivos como os da incerteza e da

complementaridade dos opostos; entre o antigo e o novo, numa visita de cortesia e respeito a velhos autores e autoras que nos deixaram seu legado de conhecimento, nas condições em que viveram, e que continuam falando a nós, hoje, os habitantes deste mundo que não começou ontem com a chegada da última revolução, a tecnológica; entre disciplinas (a palavra é feia!), áreas e campos científicos que não precisam renunciar nem à própria autonomia e nem à sua identidade sempre em construção para dialogar, propor, cobrar e aprender dos demais, inter-, trans-, multi- e indisciplinarmente; de pesquisas, livros e autores, que, se começassem pelo boteco da esquina as suas importantes discussões teóricas e epistemológicas, livres até onde possível das sombras que nos acoçam a todos e sob o efeito transcendental de uma boa cachaça, um vinho, uma cerveja e um torresmo frito, teríamos – sempre talvez – alguma chance de exorcizar o mau-humor e as divergências que costumam rondar nossos debates acadêmicos, sob o frequentemente falso manto do “debate saudável”, que mais têm a ver na realidade com briga e desentendimento, de novo, sob o viés de uma inegável arrogância...

Vade retro, que sofremos todos – nós os autores, também – demais com tudo isso! E se torna, desgraçadamente, difícil não ouvir com o coração apertado Morin, que, ao tratar da compreensão, afirma que “o mundo dos intelectuais, escritores ou universitários, que deveria ser mais compreensivo, é o mais gangrenado sob o efeito da hipertrofia do ego, nutrido pela necessidade de consagração e glória” (MORIN, 2001, p. 97). *Ave!*

Cumprir observar neste ponto que Morin não está propriamente falando da compreensão na tradição que nos vem de Dilthey, sobre o método do *Erklären* ou do *Verstehen*, e, sim, da compreensão como um *d’Os sete saberes necessários à educação do futuro* (MORIN, 2011), que ele considera uma verdadeira missão espiritual da humanidade. Essa compreensão inclui o que Morin chama de compreensão intelectual – e que ele associa fortemente à explicação, ainda que sob o manto da complexidade –, mas vai além, no sentido de compreender também a compreensão humana, nos campos das intersubjetividades, da tolerância, da democracia e da paz, das distintas e plurais formas de conhecimento, de uma ética planetária nas relações entre os povos, com o meio ambiente etc.

A compreensão dessa compreensão, nesse sentido mais amplo – que aspira ao diálogo compreensivo nos terrenos das teorias, da(s) epistemologia(s) da(s) ciência(s), da produção e das práticas científicas, mas que não se limita a sonhar apenas com isso –, é que forma a base teórica e metodológica, sempre em movimento, do estudo e da pesquisa

que ocupam há mais de uma década os integrantes do grupo de pesquisa Da Compreensão como Método, hoje sediado junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).⁶

O lado não-científico, ou além do científico dessa compreensão da compreensão – sem por qualquer razão séria excluir dela a própria ciência, inclusive porque nos movemos no ambiente científico de uma pós-graduação –, aparece, por exemplo, quando Hannah Arendt fala da compreensão como algo distinto da informação correta e do conhecimento científico, tratando-se de “um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos”; uma “atividade interminável”, por meio da qual “tentamos sentir o mundo como nossa casa” (ARENDR, 2008, p. 330); um processo “infindável”, que não gera “resultados definitivos”, mas que nos identifica como “uma maneira especificamente humana de viver”; que “começa com o nascimento e termina com a morte”; que nos incita a “compreender o totalitarismo”, o que não significa “desculpar nada”, “mas nos conciliar com um mundo onde tais coisas são possíveis” (ARENDR, 2008, p. 331). Hannah Arendt, como se sabe, não fala em primeiro lugar a partir do campo da ciência, e, sim, da política (“Compreensão e política” é o título de seu ensaio), em “tempos sombrios” (ARENDR, 2008a), sob o império da “banalidade do mal” (ARENDR, 1999).

Boaventura de Sousa Santos, por seu lado – ele que não nomeia a compreensão nesse sentido mais abrangente –, está se referindo a essa acepção de compreensão quando, numa crítica ao Positivismo, lá onde este assume que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento legítima, propõe uma ruptura com esse entendimento de ciência e com a epistemologia que lhe dá suporte. E chama para a superação da “consciência ingênua dos cientistas e das instituições de ciência”, de modo a se promover um diálogo possível “dessa prática com as demais práticas do conhecimento de que se tecem a sociedade e o mundo” (SANTOS, 1989, p. 16). Formas plurais de conhecimento, convém sublinhar.

Trata-se, como não parece difícil imaginar, de uma decisão epistemológica, política e ética, que se funda na percepção da distinção que existe entre ciência e

⁶ Para uma compreensão do pensamento e/ou do método da compreensão, como aqui propostos, recomendamos a quem possa interessar um conjunto de textos em livros e edições especiais de revistas disponíveis no site do grupo de pesquisa Da Compreensão como Método, <www.dacompreensao.com.br>. Ou os textos apresentados no GT Epistemologia da Comunicação, por Künsch, nos anos de 2009 e 2010, e no GT Comunicação e Cultura, ambos da Compós, por Künsch e coautores nos anos de 2016, 2017, 2018 e 2019. Disponíveis em: <<http://www.compos.org.br/anais.php>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

conhecimento, sendo a ciência uma forma de conhecimento entre outras, melhor e mais bem aparelhada historicamente que outros conhecimentos para tratar do estudo de objetos *científicos*, não boa sempre, jamais boa para todos os nossos males e angústias.

A compreensão, o diálogo com essas “demais práticas de conhecimento”, no sentido de sua inclusão e do respeito frente a outras formas de conhecimento, é que projetam os estudos de Boaventura de Sousa Santos, para além do campo científico e em contínuo e necessário diálogo com ele, na direção de temas tão atuais e importantes como o de uma “ecologia dos saberes”, das “epistemologias do Sul”, do “fascismo epistemológico”, da crítica ao capitalismo e às novas formas de colonialismo. Há uma preocupação com as consequências sociais e políticas de todo conhecimento, o científico inclusive, no contexto do que o autor chama de epistemologia pragmática.

Tudo isso, mais uma vez, nos recorda o sentido original latino de *comprehendere*, que é abranger, abraçar ou pegar junto, integrar, incluir. É digno de nota o fato de Jean-Claude Kaufmann estar tratando em um de seus livros do que ele chama de “entrevista compreensiva”, em que ele, assumindo um dos princípios caros ao método da compreensão – o da incerteza –, advoga que o pesquisador deve ir a campo de tal modo que esse mesmo campo “deixe de ser abordado majoritariamente como uma instância de verificação da teoria para se tornar o lócus de seu nascedouro, o ponto de partida da problematização teórica sugerida pelos fatos” (KAUFMANN, 2013, p. 19).

É nesse vaivém de avanços e retrocessos epistemológicos, e de buscas não menos complicadas e difíceis nos campos do social e do político, que temos nos ocupado nessas duas últimas décadas e pouco – essas buscas iniciaram antes da montagem do grupo de pesquisa, o que foi feito em 2008 – com o tema da compreensão, tanto no sentido *strictu sensu*, isto é, nos ambientes da produção científica, quanto *lato sensu*, no abraço que gostaríamos que fosse o mais amplo e generoso possível, a distintas formas de conhecimento/saber/sabedorias, como os conhecimentos míticos, religiosos e das artes; os conhecimentos que nos vêm, para dar um exemplo, do fundo das selvas africanas, asiáticas, latino-americanas, como também das zonas proibidas, no Norte, pelas epistemologias do Norte; os saberes do cotidiano, da rua, da padaria da esquina, da experiência que tanto conta; os saberes desprezados por uma Razão e uma Técnica não-dialógicas, quando ficam o tempo todo tentando apagar, com um pano de chão, rasgado e malcheiroso, as marcas nunca invisíveis de sangue e de dor; os saberes emergentes das minorias/maiorias que gritam...

* * *

Perguntemo-nos, sem querer chegar a uma resposta rápida, nascida às vezes mais do fígado do que da boa e necessária razão, qual poderia ser o lugar do pensamento compreensivo no campo nosso de cada dia da ciência e, mais propriamente, da área da Comunicação. Para não sermos injustos na tarefa que empreendemos daqui para a frente, vamos a uns comentários iniciais, que emergem da necessidade de deixar sempre muito claro que a defesa intelectual de uma posição epistemológica e política como a da compreensão não nos isenta do risco e do frequente erro da incompreensão. Humanos, demasiadamente humanos! (Nietzsche).

Luís Mauro Sá Martino é um colega, mais, um amigo. Suas produções científicas configuradas em livros sobre teorias da comunicação e sobre método despertam inveja em muitos que adotamos os seus livros em nossas aulas. Martino esteve conosco, nos primeiros anos, no grupo de pesquisa que se chama hoje Da Compreensão como Método, de que foi um dos principais teóricos. Publicamos livro juntos. Mesmo quando as contingências de nossos Programas de pós-graduação o levaram a fundar o seu próprio grupo de pesquisa, assumindo também com o tempo um lugar de relevância no GT Epistemologia da Comunicação da Compós, sua presença lúcida e proximidade ao grupo de pesquisa Da Compreensão como Método continuou a se manifestar na produção de textos dos mais importantes sobre a compreensão, em participação em bancas e outros.

No conhecido e reconhecido livro *Teoria da comunicação* (MARTINO, 2009), que é utilizado por Deus sabe quantas faculdades de Comunicação Brasil afora, inclusive por nós, há cinco páginas iniciais da Introdução que nos parecem que poderiam ser mais elucidativas dos problemas, desafios e promessas do campo da Comunicação, se adotassem o que aqui estamos chamando de método da compreensão. Os enunciados do autor o situam num campo epistemológico, que, conforme nos parece, se mostra refém de uma visão de ciência, de teoria e de epistemologia devedora de um forte tributo ao Positivismo, bem como à inegável e nem sempre positiva influência das ciências naturais e exatas sobre a área da Comunicação – mais um assunto que não podemos aqui discutir.

Logo no início da primeira das cinco páginas que tomamos como objeto desta análise – mais honesto talvez fosse dizer apreciação –, o autor comenta que, dada “a variedade de áreas de origem dos autores” que comparecem ao livro, “é difícil estabelecer com absoluto rigor quem pertence ou não aos estudos de mídia” (MARTINO, 2009, p.

9). Não basta, como se vê, o “rigor”, ele tem de ser “absoluto”, e isso deixa facilmente entender por que, nas linhas seguintes, a pergunta é “o que é Teoria da Comunicação” (MARTINO, 2009, p. 9). A ideia do “ser” nos remete, muitas vezes sem que o percebamos, ao campo da Ontologia: Comunicação é... A Ontologia nos conforta: alguma coisa é... Quão diferente seria a sensação se ousássemos, por exemplo, alterar o verbo ser para o verbo acontecer... No entanto, a explicação prefere o pensamento ontológico...

Tudo bem, tudo bonito, você irá dizer, porque afinal a Comunicação precisa de fato dizer a que veio. Também se pode argumentar que a busca de rigor é própria do fazer científico em todas as suas modalidades, e nesse sentido há justamente em todo o texto uma cobrança explícita e reiterada de que o rigor paute as discussões sobre teorias da comunicação, o tempo todo. Absoluto rigor. Um rigor que não se mostra possível nas linhas seguintes, em que a resposta de Martino à pergunta “O que é comunicação”, se for honesta, como ele mesmo revela, tem que ser que “ninguém sabe”. Uma resposta que não irá ser dada desse modo, porque “poderia desencorajar a leitura das várias páginas que estão pela frente” (MARTINO, 2009, p. 9).

Há um campo semântico que torna ainda mais patente essa ideia de rigor: fronteiras e definições é o que se busca na área da Comunicação – e o termo “definição”, e seu correspondente “indefinição”, é o que mais aparece, dez vezes no total, acompanhado de perto por outros termos que situam a produção do texto no interior de um modelo teórico e epistemológico difícil de ser negado. É o caso do termo “conceito” (nove vezes).

As ideias de fronteiras e de outros termos recorrentes – como limites, campo, cânone, busca de consenso, certeza, determinação, evidência, disciplina, análise etc. – ajudam a consolidar o quadro do que antes chamávamos de campo semântico, que, como queremos argumentar, projetam a discussão para o universo às vezes perigoso dos universais e das essências, com o risco de confusão entre a *ordo idearum* e a *ordo rerum*, a ordem das ideias e a ordem das coisas. A indefinição, a falta de conceitos precisos, de limites e fronteiras ressaltam do texto não como uma possibilidade, mas como... uma deficiência. Quase um pecado praticado por nós que militamos na área.

O que antes denominávamos “farra da explicação” aparece com especial força no momento em que o autor interpreta o esquema de Gilbert, em *Researching social life*. Criam-se conceitos a partir da realidade que, em seguida, são usados para explicar a realidade de onde foram extraídos. “É o momento em que a teoria se mostra útil para

explicar alguma coisa, definir o modo de fazer ou mesmo, em alguns casos, apontar tendências futuras” (MARTINO, 2009, p. 13);

Por alguns pequenos instantes que julgamos, a partir de nosso ponto de vista, luminosos, o que talvez injustamente estamos chamando de furor explicativo dá lugar a uma visão compreensiva. Como quando, ao falar de Teoria da Comunicação, o autor usa os termos “ideia”, “perspectiva”, “possibilidade”, e aponta para a “possibilidade de um objeto único e múltiplo ao mesmo tempo” (MARTINO, 2009, p. 10). Em outro contexto, Martino (2009, p. 11) ensina que teorias tornam possível “interpretar o mundo real” – e a interpretação parece fugir um tanto da ideia de rigor incondicional, de explicação e definição... “Assim como uma lente, uma teoria ajuda a ver aspectos da realidade nas entrelinhas do cotidiano” (MARTINO, 2009, p. 11). Reflexiva, sendo criada a partir de estudos e pesquisas sobre fatos reais, uma teoria “auxilia na compreensão de acontecimentos semelhantes”.

O campo semântico que se deixa observar sob a perspectiva dos termos que trouxemos no parágrafo anterior é outro. Nesse ponto da conversa, toda a crítica contra a “farra da explicação” cai por terra. A hermenêutica pode não dispensar a explicação, mas projeta o debate muito mais para o campo de uma compreensão (possível). Teoria é lente. Ajuda a ver recortes da realidade. Auxilia na compreensão.

Retomando o texto como um todo, para quem ainda costuma ler as introduções dos livros que utiliza, pode causar no mínimo estranheza se defrontar com tamanha concessão ao Signo da Explicação numa obra como essa, que possui o mérito, junto com outras obras do mesmo autor, de exercitar-se no esforço de mostrar, mais que de demonstrar, um conjunto compreensivo de “ideias, conceitos e métodos”, como se lê no subtítulo da obra.

Convém insistir na ideia de que o método compreensivo não é por si mesmo capaz de produzir uma resposta para a questão que é objeto de nossa crítica nesta parte do ensaio. Talvez projete uma luz. Ou se torne uma lente, como próprio de toda teoria. Porque, também, nem sempre uma resposta pode ser a parte mais interessante de uma conversa. Às vezes é o contrário o que ocorre. Mais vale às vezes perguntar em que ponto, por exemplo, uma mirada compreensiva da comunicação e de suas teorias; de seus milhares de cursos, professores, autores, pesquisadores; de um número crescente de produções etc. pode nos ajudar a compreender melhor a comunicação em seus múltiplos significados teóricos, epistemológicos, sociais e políticos. Para todos os efeitos,

guardamos com carinho uma cópia bem surrada do livro de Luís Mauro Sá Martino, muito rabiscado, com uma dedicatória “ao meu caro Dimas, epistemologicamente compreensível. Abraços do Luís Mauro”. Foi em Curitiba, no mês de setembro de 2009, o ano do lançamento da obra. Foi lá, naquele ano, o congresso da Intercom...

* * *

Alguns dos princípios, noções, ideias e procedimentos que nos movem, desafiam e comovem no percurso teórico e metodológico que temos vindo perseguindo merecem ser aqui lembrados, de forma muito breve e sumária: representam um programa de pesquisa para uma vida inteira, ou até para muitas vidas.

Temos trabalhado nesse período no sentido de promover, compreensivamente – não de forma exclusiva nem excludente –, o ensaio como expressão do pensamento científico e de explorar as potencialidades teórico-epistemológicas dos princípios da incerteza e da complementaridade dos opostos, justamente como opostos e complementares aos próprios princípios da certeza e da identidade; temos vindo discutindo, também, a noção de que o erro possui um valor cognitivo e que a verdade se deixa melhor entender no sentido de uma busca compreensiva, onde o caminho conta, sim, às vezes mais que a chegada..., etc.

Esses princípios, como acreditamos e temos tentado mostrar, são bons auxiliares na promoção de ideias como as de uma democracia cognitiva (Edgar Morin) e de uma ecologia de saberes (Boaventura de Sousa Santos). Reforçam, como exemplo, uma visão nova, plural e compreensiva do conflito, da doença e da dor. Promovem a descoberta de que, mais que uma verdade com V maiúsculo, o que buscamos pode não passar antes de tudo de pequenas verdades, que nos situam no plano pantanoso de uma integridade que pode nascer do diálogo difícil com os nossos erros e as nossas múltiplas sombras...

Os princípios do erro, da incerteza e da complementaridade dos opostos mereceriam neste trecho um tratamento de destaque, o que, como anunciado, não poderá ser feito. Bons argumentos, que nos vêm dos conhecimentos filosófico, mítico e religioso, bem como da arte e da própria ciência física moderna, parecem apoiar com força a noção de que, além de o sertão ser o mundo, o mundo, para todos os efeitos “é misturado” e o viver, difícil, como expressa Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*.

Um tributo seja também prestado nesta parte ao teólogo e bispo católico Nicolau de Cusa, que, em pleno século XV, num confronto, que até hoje não se sabe bem como foi possível existir, com a Escola e com a figura ímpar de Santo Tomás de Aquino, o da enciclopédica *Suma teológica*, ousa defender um lugar de honra para a ignorância sábia (em *Da docta ignorantia*) – expressa em grande parte na figura do personagem Idiota de seus ensaios –, para a *coincidentia oppositorum* (complementaridade dos opostos) e para a incerteza.

Haveria que investigar como a ideia de que “de Deus nada sabemos”, do teólogo e filósofo católico, ancorada nos princípios antes listados e na força de sua expressão epistemológica, impactou na chegada de algumas das mais importantes revoluções do início da Modernidade, como a Reforma Protestante, o Renascimento e... a própria ciência moderna. Se isso que estamos dizendo fizer sentido, a ciência moderna teria nascido, então, sob os signos da incerteza e dos opostos complementares no próprio momento em que, sobretudo a partir de Descartes, ela busca a certeza e a verdade, entendidas como idênticas a si mesmas, evidentes, inquestionáveis...

Ainda bem que o ensaio, como o entende Adorno (1986), não começa em Adão e Eva em sua relação com o assunto sobre o qual se escreve. Começa, sim, onde acha o seu autor que deve e termina não porque nada mais tenha a ser dito.... Mas uma coisa resta ainda a ser dita: todo esse programa de pesquisa, com uma ou outra pequena descoberta provisória, é colocado sobre a mesa. Vamos conversar!

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel e FERNANDES, Florestan (Orgs.) **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p. 167-187.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. Compreensão e política (As dificuldades da compreensão). In: ARENDT, Hannah. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 330-346.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

KAUFMANN, Jean-Claude. **Entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

KUNSCH, Dimas A. e CARRARO, Renata. A comunicação sob o signo da compreensão: o protesto do ensaio contra a chatice e a arrogância do discurso científico dominante. Trabalho apresentado ao GT Teorias da Comunicação durante o XXXIV Congresso da Intercom (Recife, PE, 2 a 6 de setembro de 2011).

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**. 2. ed. Bauru, SP: Editora da Unesp, 2011.

MACHADO, Juremir. **O que pesquisar quer dizer**: como pesquisar e es: Vozes, 2009.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. Teoria da comunicação. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: Unesco, 2011.

PIRES, Paulo Roberto (Org.). **Doze ensaios sobre o ensaio**: antologia *serrote*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um ocidente não-ocidentalista? A filosofia à venda, a doutrina ignorância e a aposta de Pascal. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 519-562.